

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semestre	Trim.	N.º	5.º ANNO — VOLUME V — N.º 132	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	à entrega		
Portugal (franco de porte, moeda forte)	35800	15900	8950	5120	21 DE AGOSTO 1882	LISBOA, RUA DO LORETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 42
Possessões ultramarinas, (idem).....	45000	25000	-3-	-6-		
Estrangeiro (união geral dos correios)	58000	28500	-6-	-6-		
Brazil (moeda fraca).....	158000	78500	-6-	-6-		

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

## SUMMARIO

**TEXTO**—Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO—As Nossas Gravuras—Caminho de Ferro da Beira Alta, J. B.—Recordações de Aveiro, MONTEIRO RAMALHO—Obras Publicas em Cabo Verde, Ponte-Príncipe D. Carlos, B.—O Theatro da Rua dos Condes, MAXIMILIANO D'AZEVEDO—Construções Arabes em Santarem, ZEPHRINO BRANDÃO—Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental, em Lisboa, R.—O Abandono, MONTEIRO RAMALHO—Ephemerides artistico-litterarias, SILVA PEREIRA—Publicações.

**GRAVURAS**—Achilles Rambois—Francisco Joaquim Ferreira do Amaral novo governador de Lourenço—Caminhos de Ferro Portuguezes, Viaducto do rio Dão no caminho de ferro da Beira—Taboleiro do Viaducto do rio Dão—Avelro, Canal das Pyramides—Vestigios de construções Arabes em Santarem—Enigma.

## CHRONICA OCCIDENTAL

Foram quatorze dias de festa e de alegria ahi por esse reino acima.

Agora acabou-se, estouraram os ultimos foguetes — e com elles a vida d'uma pobre mulher em Paredes — apagaram-se as ultimas luminarias — que foram as velas de sterina, officias dos edificios publicos de Lisboa, el-rei regressou ao seu palacio da Ajuda, e a provincia regressou á sua pacatez sem-saborona de todos os dias.

As festas passaram, e nós vamos registral-as aqui, rapidamente, sem contar o numero de foguetes, sem fazer inventario das bocas que se abriram em enthusiasmas vivas, e d'aquellas que se conservaram fechadas n'um silencio que parece profundamente politico, enquanto o Occidente se prepara para registrar a causa d'essas festas e d'essa viagem real, dando em gravura varios pontos mais

pittorescos e importantes da nova linha ferrea, inaugurada e dos trabalhos em via de continuidade, o que com certeza é muito mais interessante para o leitor do que o desenho das estações já mais conhecidas, ou menos embandeiradas, segundo o entusiasmo e as bandeiras de que as populações dispunham, quando por elles passaram os reaes viajantes.

A inauguração do caminho de ferro da Beira Alta foi o motivo realmente festivo e grandioso da viagem d'el-rei e da familia real ás provincias do norte.

Essa viagem foi uma successão continua de

festas, de banquetes, e de ovações; os jornaes do governo augmentaram essas festas com um zelo partidario exagerado, e prejudicial. Na sua febre de descrever as ovações que os reaes viajantes recebiam na sua passagem, chegaram a descrever as festas, que a Guarda tinha feito as SS. MM. vinte e quatro horas antes de SS. MM. lá chegarem! Depois d'este cumulo da informação, o publico ingenuo, começou a olhar com justificada desconfiança para os telegrammas dos jornaes do governo, que lhe descreviam as festas, porque mesmo antes de saber se a descripção d'essas festas era verdadeira, tinha que indagar se realmente essas festas se tinham dado.

Os jornaes da opposição seguiram caminho diferente e em toda a parte que os reaes viajantes passavam viram frieza e barretes phrygios.

Ainda d'esta vez, como sempre a verdade está no meio termo: tirando a media aos telegrammas dos jornaes do governo e da opposição teem-se a descripção exacta dos festejos que se fizeram á familia real portugueza.

Esses festejos não tiveram significação alguma partidaria, a não ser no Porto: esses festejos explicam-se primeiro pela sympathia enorme e pessoal que espalharam em torno de si el-rei D. Luiz e S. M. a rainha, que pela delicadeza excessiva do seu tracto, pela amabilidade e bondade dos seus caracteres não podem ter inimigos, segundo, pelo prestigio que tem a realleza e a aristocracia nas provincias, onde os senhores fidalgos e os senhores morgados do sitio, tem ainda um resto de poderio e de consideração, ultimas heranças de tempos feudaes, terceiro pelo desejo de brilhar, de *poser en grand seigneur*, que é innato a todos os ricos proprietarios e a todos os elegantes de provincia, e por ultimo pela fome de festas, de luxo, e de grandezas, que ha por essas pequenas cidades e villas, onde a vida corre des-



ACHILLES RAMBOIS—Falecido em Lisboa no dia 31 de julho de 1882 (Desenho composto por M. de Macedo, segundo uma photographia)



cansada e insípida, sem divertimentos, sem theatros, sem todas essas festas continuadas que fazem das capitães o sonho ambicionado dos provincianos.

No Porto, as festas tiveram outra explicação: a aprovação do syndicato de Salamanca. O Porto quiz pagar ao rei e ao governo a dívida de gratidão que contrahira pela aprovação do syndicato, e ao mesmo tempo, fazendo umas festas d'explendor excepcional, despicar-se de Lisboa, que tanta opposição fizera a esse syndicato, e opposição que foi até ao extremo grosseira e vil da pedrada e da arruaça.

O passeio real durou quatorze dias.

Os reaes viajantes percorreram durante esse tempo, Coimbra, Mangualde, Carregal, Vizeu, Guarda, Porto, Povoas, Lamego, e outras pequenas povoações menos importantes deixando por toda a parte boas e saudosas recordações, nos ricos, a recordação de festas brilhantes e alegres, nos pobres, a recordação das esmolas com que a caridade e magnificência regia consolou muita miséria e enxugou muitas lagrimas de fome.

— Ao passo que a familia real regressa para Lisboa, Lisboa faz as suas malas, para fugir ao calor e á sensaboria que nos invade e alastra-se, em pic-nics, em *matinees*, em bailes, pelas praias, pelas estações thermaes, e pelos campos das proximidades das nossas barreiras.

E nós achamos muita razão a Lisboa, e a nossa pena é não a poder seguir por ahí fóra.

As attentões dos lisboetas, que encontram apenas na cidade para os entreter os espectáculos do Coliseu dos Recreios, que no fim de tudo são um bello divertimento para as noites insípidas mas não conseguem ser um assumpto para o cavaco quotediário — a não ser que a actriz italiana Marini, que vem de Madrid precedida de grande reputação, e que traz um repertorio variado que começa a apresentar quando nós revemos estas provas, se torne em acontecimento — as attentões dos lisboetas, diziamos nós voltam-se para a guerra do Egypto e para o processo Fenayrou, os dois casos de sensação que a Europa nos manda pelos seus grandes jornaes.

A guerra do Egypto é uma questão muito debatida e muito complicada, para que nós, tomando agora ares de Bismark começemos a desfiar-a, recheando a nossa narrativa de altas prophécias politicas, e retalhando o mappa mundi como aquelles velhos de Tolentino, no alto de Santa Catharina.

N'esta questão ha uma coisa que diz quasi directamente relação a Portugal, e estranhámos que seja essa exactamente aquella em que ninguém falla, a começar pelo governo.

Referimo-nos á questão de Marrocos.

Marrocos que tem todos os direitos á nossa consideração, já como museu das reliquias das nossas antigas façanhas, já como posição importantissima para o nosso commercio, e para a nossa autonomia, está ha que tempos exilado das attentões dos estadistas portuguezes.

Agora, a Hespanha pretende mandar para lá vinte mil homens, de prevenção, por causa das complicações que póde trazer a guerra do Egypto, nós continuamos a deixal-o estar no exilio do esquecimento, e discutimos com muita seriedade e gravidade os *menus* dos banquetes que se deram a el-rei na sua viagem pela provincia, e procura mos tirar illações de grande alcance social dos *Punches á la Romaine* e das *Escaloppes á la Royale*, que os estomagos monarchicos e republicanos digeriram lá pela provincia.

Deus nos livre de fazermos com isto uma censura a Portugal; pelo contrario, queremos fazer-lhe até um elogio, porque continuamos a achal-o d'uma logica encantadora.

— O crime Fenayrou que é outro menino bonito das attentões lisboetas, é realmente um crime cuioso e original, em que ha como disse um jornalista francez, o seu quê de Shakspeare e de Ponson Terrail, de Othello e de Rocambole.

Fenayrou é um boticario casado com uma mulher bonita, Gabriella, que principiou por enganar o marido com um dos seus amigos intimos, e acabou por enganar esse amigo com os outros. Entre esses amantes, um d'elles chamado Aubert era praticante da pharmacia Fenayrou.

Ao passo que o patrão dava cabo do que tinha no luxo, e em apostas nas corridas, o praticante foi trabalhando, ajuntando dinheiro, e por fim estabeleceu-se.

Um descia, o outro subia, e Fenayrou começou a ter por Aubert um odio implacavel, enorme, que a descoberta dos amores d'elle com sua mulher veio augmentar.

Como soube Fenayrou d'esses amores? Por confissão expontanea de sua mulher, que sentindo-se abandonada por Aubert, sabendo que elle pensava em casar-se, lançou mão d'este meio para se vingar do seu amante.

Essa vingança foi terrivel, medonha assombrosa: Gabriella e seu marido alugaram uma casa em Chatou; ella deu alli uma entrevista ao seu amante, entrou com elle na casa, onde já seu marido e o irmão d'este, Luciano, um caracter fraco, pusillamine, que tomava todos os feitos como se fosse de cera, — estavam escondidos com todos os utensilios para o crime, cuidadosamente preparados: conversou com elle enquanto seu marido se preparava, e depois ajudou a matal-o, descarregou-lhe sobre o craneo as martelladas que o esmagaram, enquanto Fenayrou o agarrava; e depois ajudou a despil-o, a enrolar-o como um fardo, quebrando-se-lhe á força as articulações, a envolvê-lo em tubos de chumbo, para que não boyasse ao decimo d'agua a taparem-lhe a bocca com um prego, para que a agua entrando pela bocca o não fizesse fluctuar, e finalmente mulher, marido e cunhado, metteram a pobre victima n'uma carreta, e levaram-na a braços até á praia e lançaram o cada-ver ao rio, e vieram depois, lavar-se a casa, queimar os fatos ensanguentados e ceiar muito tranquilos.

O crime fóra bem combinado e bem executado, mas a campainha do diabo descobriu-o, o cadaver boiou, uns pescadores encontraram-no, a policia fel-o photographar, appareceu logo quem o reconhecesse apezar do estado de decomposição em que estava, os amores de Aubert com Gabriella eram conhecidos e fizeram logo descobrir os criminosos, e o tribunal de Versailles acaba de os julgar n'um processo demorado e cheio de episodios, e em que o crime se provou claramente, com a confissão cynica dos reus, e em que se provou tambem que não fora o crime que armara o braço do marido, mas sim o interesse de apagar para sempre nos labios d'Aubert a confissão d'um crime de abortamento que Fenayrou cometera em tempo, e condemnou o boticario Fenayrou á morte, sua esposa, Gabriel Fenayrou, a trabalhos publicos por toda a vida, e Luciano a dez annos de trabalhos forçados!

E agora uma anedocta curiosa contada por Albert Delpit, o grande romancista e dramaturgo do *Filho de Coralía* a proposito d'esse crime, e do trabalho difficil da defeza do assassino.

Albert Delpit, que conhece muito a America, assistiu lá a um processo identico, em que o advogado do marido assassino, era Henry Clay, hoje o *leader* da democracia no senado dos Estados Unidos, e então um dos primeiros advogados de New-York.

Henry Clay defendia um fabricante de assucar accusado de ter assassinado o amante de sua mulher, como Fenayrou, mas em vez de o matar a martelladas, cosera-o na caldeira de purificar as cannas d'assucar.

A mulher do criminoso era muito sympathica ao publico; toda a gente sabia, que o marido a atraioava com duzias e duzias de escravas mulatas, e todos os odios recahiam portanto implacaveis contra elle. O advogado não desanimou porém:

— Senhores, disse elle aos jurados: não tenho senão um cousa a dizer-vos. O custo d'uma caldeira de cannas de assucar é de 5000 dollares (4:500\$000 réis). O meu cliente preferiu pois a sua vingança aos seus interesses pecuniarios. E finalmente é a primeira vez que um marido nos Estados Unidos, tem a idéa de coser o amante de sua mulher.

E o criminoso foi absolvido; pela originalidade do seu crime! Aqui tem um novo caminho aberto á eloquencia judiciaria! Senhores advogados, aproveitem.

Gervasio Lobato.

## AS NOSSAS GRAVURAS

### ACHILLES RAMBOIS

Falleceu no dia 31 de julho ultimo depois de um doloroso padecer, e de longa agonia o notavel scenographo Achilles Rambois, aquelle que em collaboração effectiva com Cinati teve por muitos annos o exclusivo da scenographia em Portugal:

Cinati morreu ha dois annos, e Rambois nunca mais tornou a pegar no pincel e agora foi acompanhar na grande viagem o seu unico amigo intimo e o seu querido collaborador.

Achilles Rambois nasceu em Milão no primeiro quartel d'este seculo, e na Academia d'aquella cidade, fez os seus estudos de pintura e de architectura, fazendo ao mesmo tempo o curso de engenharia, carreira a que sua familia o destinava.

Entretanto a sua familia desmoronou-se, seu pae morreu, e Achilles aproveitando o seu no-

tavel talento artistico, e a sua decidida vocação, entregou-se exclusivamente ao estudo da pintura, seguindo-o no Pateo da Academia Scenographica de Milão sob a direcção de Sanchirico, que reconhecendo as suas raras aptidões o influuiu a dedicar-se á scenographia.

Rambois animado pelo seu mestre fez as suas primeiras proyas no theatro da Scala, e em 1834 foi escripturado pela empresa do theatro de S. Carlos de Lisboa, para servir de pintor auxiliar ao scenographo Baquer.

Veio então para Portugal, mas ninguem attentou n'elle: pouco depois porém, Baquer morreu, e Rambois saiu da sombra, para occupar o lugar vago pela morte d'aquelle artista, e logo nos seus primeiros trabalhos se revelou brilhantemente, começando a ganhar a sua grande e merecida reputação.

Como porém a feição especial do seu talento artistico, fosse a architectura, Rambois conseguiu que em 1836, a empresa de S. Carlos, escripturasse em Lyon, José Cinati, um notavel scenographo paysagista, que veio completar Rambois, trazer-lhe o que faltava ao seu pincel, e formar essa notabilissima collaboração artistica, que produziu a evolução da scenographia em Portugal, e que produziu um sem numero d'obras primas, que foram a admiração e o enthusiasmo do publico de Lisboa.

A união d'esses dois homens constituiu por assim dizer uma verdadeira potencia artistica em Portugal, e sua influencia estendeu-se desde o theatro até á architectura e construcção de muitos edificios de Lisboa.

Essa influencia teria ido mais longe, e teria sido mais proveitosa e util, se não fosse baldia antiga em Portugal os governos não fazerem caso algum das Bellas Artes.

Rambois e Cinati, tinham-se compenetrado tanto das grandes necessidades da arte em Portugal, que chegaram a propôr ao governo a creação de uma escola pratica de prespectiva e pintura sceneographica decorativa, á maneira do celebre Pateo de Milão.

Esta proposta, porém, foi desprezada pelo governo, e os dois illustres artistas, natural e justamente melindrados com a recusa de uma proposta em que elles davam muito mais que recebiam, e que era de muito mais vantagens para o paiz que para elles, começaram a ser da maior parcimonia na admissão de discipulos, e a retrahir o mais possivel os segredos da sua arte.

Achilles Rambois, quando a sua proposta foi recusada, dissera:

— Bom, já vejo que me resta trabalhar para a minha terra.

E assim fez: as sommas importantes que ganhou em Portugal, tanto pela sceneographia como pelo commercio.—Rambois era o proprietario da bem conhecida cervejaria Jansen — le-gou-as á municipalidade de Milão, para instituir escolas de pintura e outros estabelecimentos de educação.

Rambois era um espirito concentrado, um verdadeiro misanthropo. Querem uma prova do seu caracter excentrico? Cinati era para Rambois como que um irmão: pois nunca conseguiu que Rambois se sentasse á sua mesa um dia a jantar, e, ainda mais, que transpозesse os humbraes da sua porta. Isto, comtudo, não impedia que Rambois tivesse por Cinati a maior amizade, que os dois se dedicassem a mais reciproca affeição e guardassem sempre, um para o outro, o mais delicado e escrupuloso respeito das suas attribuições.

Na sua collaboração de longos annos nunca um d'elles invadiu a especialidade do outro, nem mesmo nas coisas mais insignificantes.

A pouca sympathia que Rambois mostrava pelo seu semelhante tinha uma compensação excentrica: Rambois não morria d'amores pelos homens, mas adorava os gatos, como Theophilo Gautier, e no seu atelier havia uma enorme quantidade de representantes da raça felina, que eram a companhia querida e predilecta do grande artista.

Em toda a parte do mundo Rambois seria um notavel pintor d'architectura, conhecia a fundo a prespectiva e o claro escuro, era de uma consciencia rigorosa no desenho e nos detalhes da construcção dos scenarios, seguia as tradições da grande escola italiana, tirando, como todos os pintores d'essa escola, mais recursos do claro escuro e harmonia, do que da cór.

Tinha uma grande facilidade de producção e segundo affirmo o seu discipulo, o scenographo Procopio, nunca repetia uma linha nem uma tinta, tal era a firmeza e segurança do seu lapis e do seu pincel.

A sua obra é enorme, e durante quarenta annos, a collaboração de Rambois e Cinati produziu mais de 600 scenarios.

As primeiras scenas que Rambois pintou em Lisboa foram para S Carlos e para o theatro das Lorangeiras, então no seu tempo aureo, e produziram logo no publico funda sensação, e tiveram um verdadeiro successo.

Não é exequível enumerar aqui todas as peças em que figuraram scenas suas, entretanto citaremos como as mais notaveis, no *Roberto do Diabo* a scena do claustro, na dança *Esmeralda A corte dos Milagres*, no *Propheta* a Cathedral, e tantas outras que o publico de S. Carlos não esqueceu de certo ainda.

No theatro de D. Maria, appareceram tambem trabalhos notabilissimos de Rambois e Cinati, como por exemplo o esplendido panorama do Mesissipi na Cora; a officina dos Nobres e *Plebeus* a scena final do *Fr. Luiz de Sousa* e muitas outras.

De resto os seus trabalhos são tão conhecidos do publico, que é inutil cital-os para que o publico se lembre d'elles, e do talento notavel e brilhante de Rambois.

Quando o collaborador illustre de Rambois, José Cinatti, falleceu, n'um artigo que o Occidente publicou então<sup>1</sup>, o sr. Jayme Batalha Reis lembrou muito acertadamente a conveniencia de se respeitarem algumas scenas d'esses mestres, archivando-as como verdadeiras reliquias d'arte.

Escrevendo a ultima linha da noticia biographica do grande scenographo Rambois, não podemos deixar de repetir esse pedido, em homenagem á memoria d'elle, e em serviço aos artistas futuros.

#### FRANCISCO JOSÉ FERREIRA DO AMARAL

O OCCIDENTE dando hoje o retrato do novo governador geral de Angola, cumpre duplamente o seu programma porque no mesmo tempo que registra pelo lapis do desenhador a physionomia d'um homem chamado pelo governo a occupar um dos mais importantes e graves cargos administrativos do ultramar, registra tambem a physionomia d'um dos officiaes da marinha portugueza que mais notavel se tem tornado pela sua valentia, pela seriedade do seu character, pela illustração do seu espirito, pela dedicação profunda e intelligente com que se tem entregado ao estudo da difficil administração colonial.

Francisco Joaquim Ferreira do Amaral, filho do illustre official de marinha João Maria Ferreira do Amaral, nasceu em Lisboa a 11 de junho de 1844.

Tinha cinco annos apenas, quando seu pae foi traçoceiramente assassinado pelos chinas em Macau, onde estava fazendo um excellentes governo, e ficou portanto a sua educação entregue simplesmente a sua mãe que é uma das senhoras mais intelligentes e mais illustradas da sociedade portugueza.

Aos 12 annos Ferreira do Amaral assentou praça na marinha, aos 13 concluiu os seus preparativos, e teve de esperar um anno, com todas as suas habilitações litterarias já completas para que a idade lhe premitisse matricular-se na escola polytechnica.

Em 29 de setembro de 1855 foi feito aspirante, em 1861, terminou o curso, em 28 de janeiro 1862, foi promovido a guarda marinha, em agosto do mesmo anno a tenente graduado, em 17 de fevereiro de 1864 a segundo tenente effectivo, e em 28 de julho de 1874 a 1.º tenente.

Durante este tempo, e nos diferentes postos que foi subindo, Amaral embarcou 19 vezes, exercendo a bordo cargos importantes, como por exemplo, o de commandante do hiate *Penha Firme*, commandante da estação naval da China, immediato da corveta *Mindello* e da fragata *D. Fernando*, onde foi instructor d'artilheria, e finalmente commandante da corveta *Duque de Palmella*, logar que exercia quando foi agora chamado para o governo geral de Angola.

Na sua vida de marinheiro, Ferreira do Amaral tem uma expedição arriscada, e que cobriu o seu nome de gloria, a expedição de guerra á Africa Oriental, commandando o vapor *Tete*, e entrou em tres combates navaes, um no rio Inhmalungo, e dois no Zaire, nos quaes deu provas de grande bravura e de heroico sangue frio.

Em 1878 e 1879 Ferreira do Amaral governou primeiro Mossamedes e depois S. Thomé, e n'estes dois governos deu provas de alto tacto administrativo e de inquebrantavel e intransigente energia.

A intriga fêl-o demittir sob uma accusação calumniosa de excesso de severidade, calumnia de que elle se defendeu brilhantemente em publico, n'uma conferencia no salão da Trindade.

Ha cerca de dois annos, o illustre official de marinha casou em Lisboa.

Agora o governo, com um bom tacto, que oxalá os governos sempre tivessem, escolheu-o para governador geral d'Angola, lugar vago pela morte prematura do sr. Dantas. A escolha foi acolhida com applauso por toda a gente que se interessa pelas colonias e que conhece Ferreira do Amaral.

No dia 5 d'este mez o illustre marinheiro partio para Angola, e é de esperar que no seu novo e importantissimo cargo, augmente a gloria brilhante do seu nome, e faça prosperar a provincia entregue ao seu governo, á sua intelligencia e á sua energia.

## CAMINHO DE FERRO DA BEIRA

Portugal, que ainda ha 25 annos não possuia um kilometro de caminho de ferro aberto á exploração publica, possui hoje uma rede já importante, e que se va completando com linhas novas e ramaes, que n'um futuro pouco remoto, terão chamado a tomar parte no banquete da civilisação, a maioria das povoações do paiz.

Para uma nação pequena, cuja agricultura atrazada, industria decahida e commercio pouco arrojado lhe não permittia usar largamente dos seus parcos recursos, o esforço tem sido herculeo, e não é porisso de estranhar que para fazer em 25 annos, o que já estava começado na Europa havia 50, tenha contrahido uma divida enorme, cuja importancia só pode ser atenuada pelos immensos beneficios materiaes, que se tem deramado pelo paiz.

Acresce alem d'isso a consideração de que tambem ha 30 annos, apenas havia construidas umas poucas leguas de estrada ordinaria no Minho, e que a construcção da rede da viação ordinaria tem caminhado a par da construcção da viação acelerada, attingindo uma extensão kilometrica enorme, para a partilha dos encargos de um quarto de seculo de vida nacional.

Esta incontestavel verdade é muitas vezes esquecida e transtornada durante as pugnas partidarias, mas a honradez do paiz é hoje tão reconhecida, que os seus fundos conservam-se em estado de cotação florente nos mercados, a qual apenas soffreu ha doze para quatorze annos uma ligeira depressão, por causas assaz notorias.

O paiz acaba de ser dotado com mais um d'esses grandes beneficios civilisadores. Depois de tantos tempos de quietação e marasmo, os valles, as quebradas, os rios da nossa riquissima provincia da Beira, que nenhuma inveja tem aos da Suiza, viram em fim atravessol-os esse poder de Deus, como lhe chama o povo singelo, e o silvo da locomotiva, acordando do seu somno secular os echos dormentes das serranias, parece dizer áquelles povos: «Sus! erguei-vos, vinde partilhar da vida do Universo.»

As festividades que a companhia do caminho de ferro da Beira e as povoações do seu percurso fizeram, por occasião da inauguração d'esta importante linha, foram brilhantes e legitimas. A presença do chefe do estado e da familia real n'aquella festa portugueza, e n'aquella região, onde ha seculos o rei se conhece pelo nome e se obedece por fama, segundo uma expressão energica do padre Vieira, devia causar profunda impressão n'aquelles montanhezes singellos, que de longe e por milhares vieram presenciar aquelle espectáculo novo, unico para elles, que saudaram com entusiasmo, e cuja importancia ainda mal sabiam conceber e apreciar.

Ainda não ha vinte e cinco annos, a muitos velhos lavradores, de povoações muito menos certanejas, e mais proximas de centros industriaes e activos, ouvimos nós por muitas vezes exclamar ainda, meneando a cabeça como o velho de Camões: caminhos de ferro em Portugal, nunca v. os verá! Que diriam elles hoje se vissem, ou que dirão os que ainda vivem com relação a esta força do progresso, que tudo vence e domina?

Eis, pois, mais uma linha lançada atravez do paiz. Esta linha, atravessando uma provincia montuosa, necessariamente deve apresentar na planta sinuosidades e curvas notaveis.

O caminho que acaba de ser inaugurado, na extensão de mais de 300 kilometros, comprehende duas linhas, que são continuação uma da outra, e que só se distinguem pelas datas das concessões.

A primeira parte comprehende a *linha da Figueira*. Esta começa na villa da Figueira da Foz, situada junto á embocadura do poetico Mondego, gosando de todas as vantagens que uma barra regular lhe póde proporcionar. D'alli parte, curvando-se, para tocar Monte-mór, d'onde se recurva aproximando-se de Cantanhede, que

lhe fica um pouco á esquerda, e continúa a curvar-se para ir terminar na Pampilhosa, na extensão total de 50 kilometros.

Esta primeira linha é de pouco difficil trajecto. Saindo da Figueira com uma elevação de 2<sup>m</sup>,0 apenas acima do mar, sobe a 99 metros no tunnel das Alhadas, descendo para Monte-mór, onde apenas se eleva 16<sup>m</sup>,7, torna a subir até Lime de na elevação de 88<sup>m</sup>,0, descendo para Cantanhede, tornando a elevar-se d'alli á cota de 123<sup>m</sup>,7, descendo para Pampilhosa, onde vae terminar com a pequena cota de 69<sup>m</sup>,5 acima do nivel do mar.

(Continúa)

J. B.

## RECORDAÇÕES D'AVEIRO

(Continuado do n.º 130)

Todas as vezes que o sol contrafeito, nos intervallos quentes das chuvadas, coáva trabalhosa mente por entre nuvens leves uma luz esbranquiçada e vacillante, nos paredões marginaes da ria viam-se corpos valentes de barqueiros deitados ao comprido, a dormir; e nos parapeitos das pontes, havia tambem curiosos ajuntamentos de marnotos e pescadores, debruçados e attentos para as aguas marulhosas da ria. Conservavam-se n'este exercicio animado durante longas horas, sempre litando a agua attrahente; e vistos por quem passava, tinham aspectos exquisitos, vagamente arabes, mettidos dentro dos seus gaboes de velha saragoça e capuzes postos na cabeça. Disseram-me uma vez:

—São os *lazjaroni* d'Aveiro.

E é, de facto, notavel que, emquanto os pescadores de Murtosa, Ilhavo, e d'outras povoações perto d'Aveiro, abandonam as suas terras desde que o mar se mostra *safaro*, indo diligentemente a regiões estranhas procurar o pão, os pescadores propriamente aveirenses, quer o mar dê quer não, nunca saem da cidade querida, passando as inverneiras tormentosas em permanentes pasmaceiras e lamentos. São d'uma mandrice quasi orgulhosa, e tão entranhada tem segundo parece, a noção poetica do lar, que preferem resignadamente fomes tremendas a desertal-o. E consolam-se então, singularmente, com ir para as pontes amigas fitar com ternura as aguas marulhosas da ria...

Vejam lá se, n'estes costumes desencontrados de povos tão visinhos, não ha elementos bons para o estudo profundo e conspicuo das immigrações de gregos e phenicios n'esta parte da costa occidental.

Recordo-me particularmente do typo original d'um marnoto, que todos os dias passava a uma certa hora debaixo da minha janella bisbilhoteira; homem carrancudo, barba preta e chata, sempre descalço e fallando só, baixinho, palavras surdas que se perdiam sob o marulho brando das aguas proximas. Em geral, chovia com força; e elle, cuidadosamente mettido no seu gabão indispensavel, o capuz bicudo atirado por cima do barrete, lá ia caminhando pachorrotamente, fugitado pelas bátegas asperas, todo encharcado, — mas aconchegando carinhosamente debaixo do gabão um bom guardachuva novo, para se não molhar, coitado!

Um dia passei pelo «bairro dos pescadores», que é afinal a parte mais interessante d'Aveiro, com a uniformidade constante dos seus longos arruamentos, em que d'um lado e d'outro se erguem modestamente as casas todas iguaes dos pescadores, — um pavimento, e a fachada estreita, branca de cal, aberta ao centro n'uma porta larga, ladeada de duas pequenas janellas. Dentro, no chão terreo alastra-se uma camada de juncos verdes, finos; móveis pobres mas limpinhos; pelas paredes caídas, muitas imagens religiosas; mas um traço sobretudo característico é o costume antigo que tem aquella boa gente, de conservar sempre abertas, — (durante o dia, entende-se...) — as portas dos quartos, ostentando singelamente a riqueza das camas espaçosas todas cobertas de colchas e lençóis arrendados, espectaculosos, brilhando alvamente no meio de toda a acieada pobreza circumjacente.

Sentadas ás portas, algumas velhas mães faziam as rendas proverbias, com uma bella agilidade das grossas mãos, livres e habeis por entre o embaraço extraordinario dos bilros innumerous; mocetonas florentes, ao pé, cosiam ou fiavam; e por algumas janellas, viam-se figuras rijas de pescadores novos, deliciosamente inclinados sobre as grandes violas, de cordas zumbidóras feridas em queixumes soluçantes, com aquella doce tristura cadente, em que parece reflectirem-se as plangencias infinitas do lyrico oceano.

(Continúa)

Monteiro Ramalho.

<sup>1</sup> Vid. n.º 40 e 41 do 2.º vol.

## OBRAS PUBLICAS EM CABO VERDE

PONTE «PRINCIPE D. CARLOS»

(Concluido do n.º 130)

«Na estação das aguas, quando estas são abundantes, é completamente invadeavel a grande ribeira dos Orgãos do que resultava perfeita incomunicabilidade entre as duas mais importantes regiões da ilha, a que produz e a que exporta o excedente da produção. O transporte, que nas condições ordinarias é extremamente difficil e dispendioso, sobrecarregando os volumes pesados em mais do dobro do seu valor venal, tornava-se impraticavel durante a maior parte do anno.

«Era indispensavel, pois, estabelecer a continuidade do transitio, fossem quaes fossem as difficuldades a vencer. A necessidade com todo o seu peso, intransigente, fatal, impunha-se de modo que não havia recuar.

«Uma ponte sobre a grande ribeira dos Orgãos é uma obra lembrada e reconhecida como indispensavel pelas diversas administrações d'esta provincia. Esta obra que os antecessores de v. ex.ª desde longos annos pensaram em levar a effeito, recommendando-a ao exame e estudo dos distinctos engenheiros que me precederam n'esta provincia, esta obra, urgentemente pedida pelos agricultores e commerciantes d'esta ilha, nunca chegára a ser definitivamente estudada, passando este util pensamento como herança d'uma á outra administração, e recuando todas ante as diffi-



FRANCISCO JOAQUIM FERREIRA DO AMARAL, NOVO GOVERNADOR DE LOANDA

(Segundo uma photographia de Rochinnl)

culdades supervenientes, das quaes a principal foi sem duvida a falta de meios. Esta obra que, ha muitos annos, teve já um periodo de gestação mallograda, chegou a parecer irrealisavel aos olhos do povo sempre credulo, e da ignorancia malevola e desconfiada.

«A ponte que se vac inaugurar é de um só tramo com dezoito metros de vão. Sobre encontros de cantaria assenta o taboleiro metallico, cuja altura sobre o leito da ribeira é de onze metros.

«Quasi simultaneamente construiu-se tambem uma outra ponte, toda de alvenaria lançada sobre uma linha de agua menos importante, mas indispensavel na construção do lanço de estrada que estabelece a continuidade do transitio.

«Inaugurando ainda ha pouco a obra da ponte-cães no porto da Praia tivemos occasião de tornar bem patente o culto de heroes, como o Infante D. Henrique que é sem duvida, uma das mais gloriosas individualidades na historia do velho Portugal.

«Foi um preito de justa admiração, consagrado á memoria d'um sabio principe.

«Portugal, na historia do seu glorioso passado, conta muitos filhos de reis que foram exemplos de sciencia e estudo, modelos de abnegação e virtude, de nobre dedicação e amor civico, distinguindo-se uns pelo seu valor nos cam-

<sup>1</sup> Veja-se o n.º 99 do OCCIDENTE, onde foi publicada a gravura que representa esta ponte, acompanhada do respectivo artigo descriptivo.



CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES — VIADUCTO DO RIO DÃO NO CAMINHO DE FERRO DA BEIRA ALTA (Segundo uma photographia)

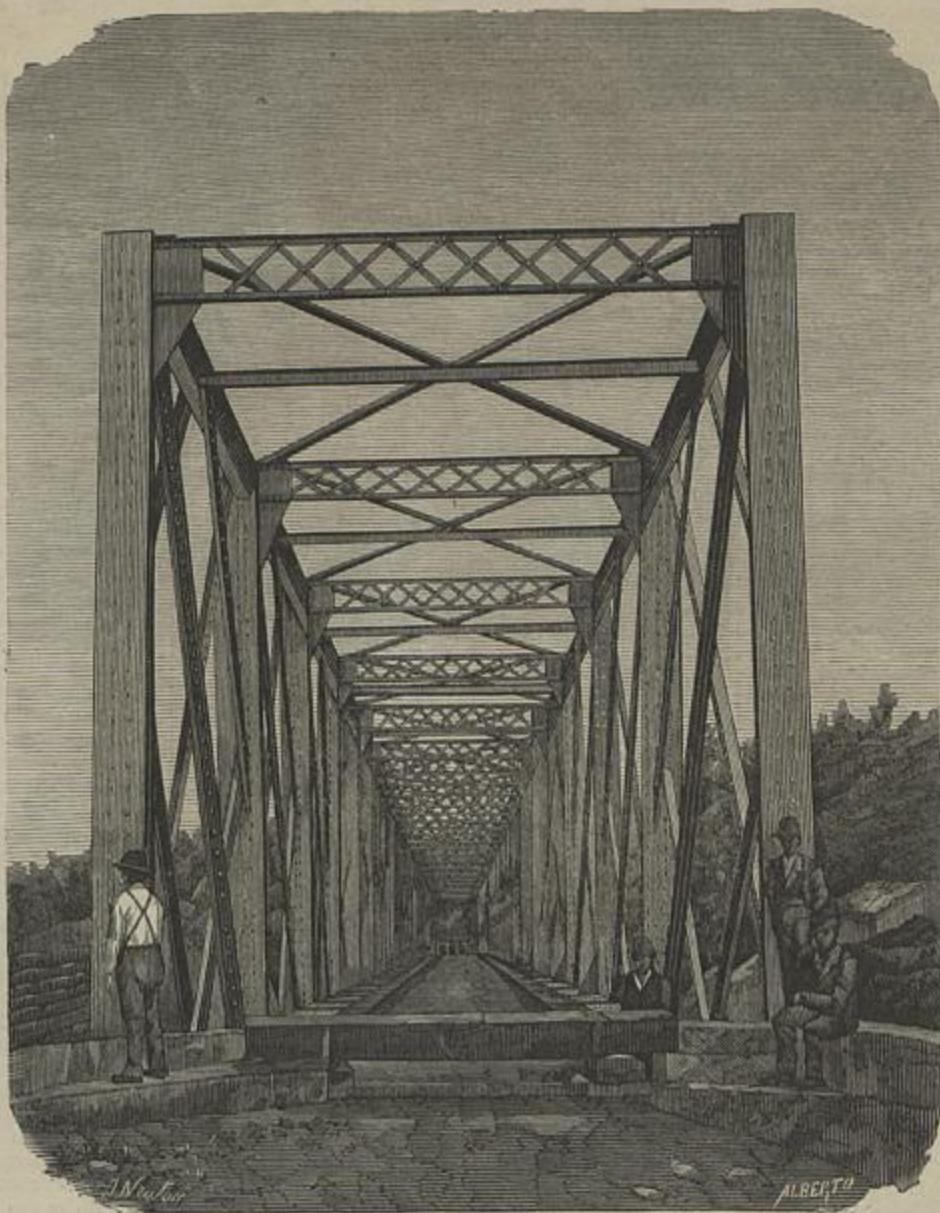
pos de batalha, outros pelo seu amor ás artes e letras.

«Estes nobres exemplos não são para se esquecerem, mas para se repetirem, para se celebrarem, para se imitarem.

«O povo portuguez. no uso plenissimo de todas as franquias e liberdades que não inveja ás nações mais adiantadas do mundo, é essencialmente monarchico constitucional. Consagra veneração e justo respeito ao bondoso e illustrado chefe do Estado que, cercado dos esplendores da realeza, sopesando o difficil officio de reinar, não depõe a penna que traduziu Shakspeare no intuito de enflorar a sua corôa de rei constitucional com as palmas de esmerado cultor das letras.

«A excelsa princeza D. Maria Pia de Saboya, neta de Carlos Alberto, filha do libertador de Italia, esposa e mãe respeitabilissima, cujos altos dotes de espirito sabem alliar ás difficuldades da sua alta missão de rainha as mais santas e nobres dedicações do seu coração de mulher, dispensando ao povo portuguez a mais desvelada protecção nas crises difficéis que tem atravessado o reino, bem mereceu o glorioso titulo de «Anjo da Caridade» com que o mesmo povo na sua linguagem, singela mas sublime, condecorou a virtuosa rainha.

«É justo, pois, que n'esta festa do trabalho, que é do povo e para o povo, n'esta provincia que é portugueza, affirmemos a sincera dedicação do povo á dynastia, consagrando estas duas obras aos estremecidos filhos da nossa augusta so-



TABOLEIRO DO VIADUCTO DO DÃO NO CAMINHO DE FERRO DA BEIRA ALTA  
(Segundo uma photographia)

berana, e baptisando-as com os nomes de D. Carlos» e «D. Affonso» n'este dia em que o povo festeja o anniversario natalicio d'el-rei D. Luiz.»

Se por estes notaveis periodos se pôde fazer idéa, como dissémos, da importancia d'esta elegante obra d'arte, tão util e necessaria na mais rica de todas as nossas provincias d'Africa, por elles tambem se pôde avaliar a capacidade do engenheiro que a planeou e a levou a effeito.

Bem quizeramos nós, se as proporções d'esta folha nol'o permitissem, publicar todo o seu notabilissimo discurso no acto da inauguração das pontes de «D. Carlos» e de «D. Affonso».

Os periodos, porem, que escolhemos são, suppomos, bastante motivo para que saudando d'aqui o engenheiro, como o fazemos, não esqueçamos tambem o politico, o estylista e o homem de coração, sobretudo.

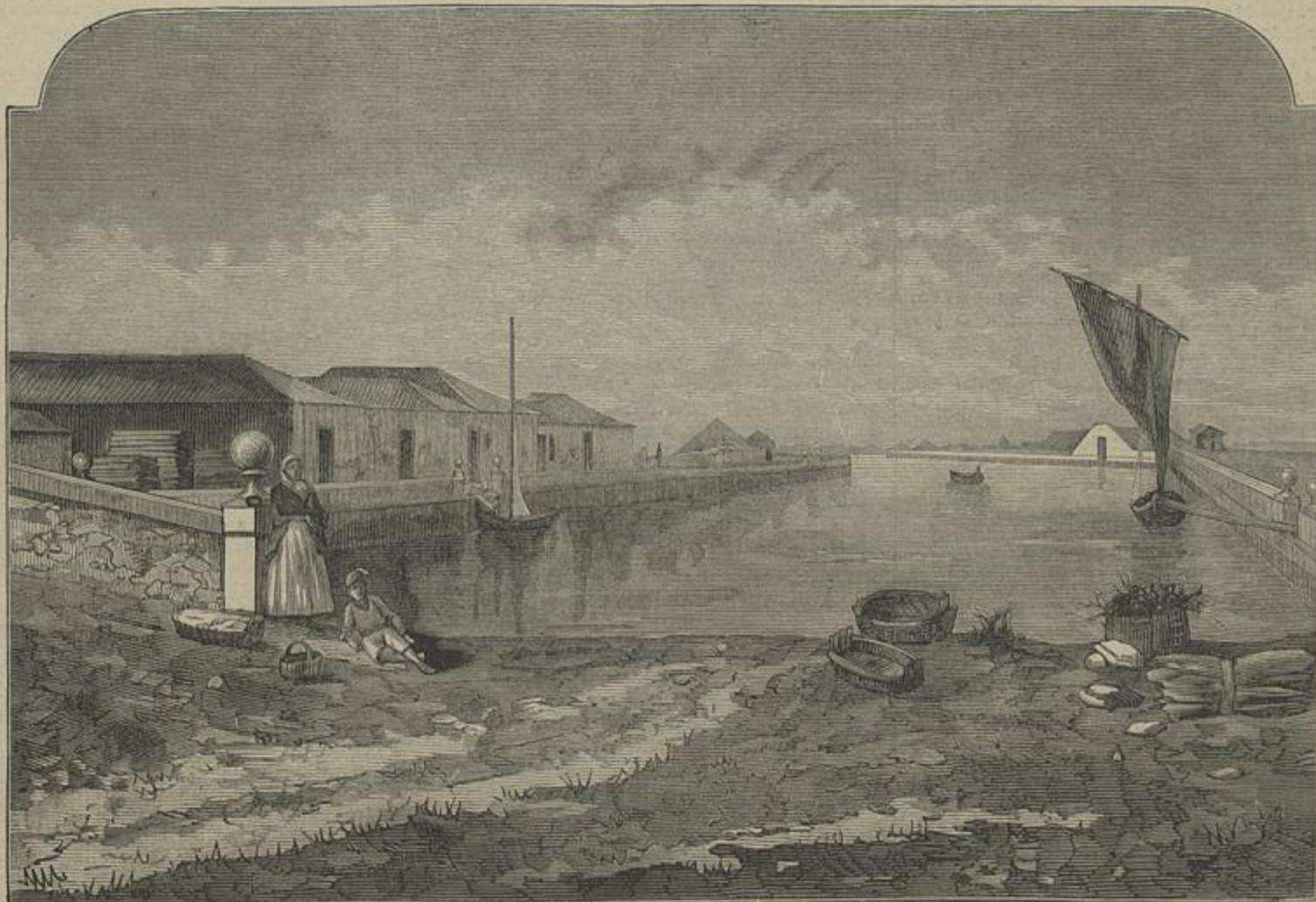
B.

O theatro da Rua dos Condes

III

Voltemos porém á historia do theatro da rua dos Condes. O que pude indagar acerca dos seus primeiros annos não é muito, ou por outra, é muito pouco.

Além das *Contadine bizzarre* não sei que outras operas se representassem ali, antes de chegar a Lisboa, em 1770, a companhia lyrica italiana de que fazia parte a celebre Zamperini. Por aquelles annos florescia a opera nos theatros



AVEIRO — CANAL DAS PYRAMEDES (Segundo uma photographia)

regios, sob a direcção do insigne compositor David Perez, mestre da grande cantora Luiza d'Aguiar Todi que veio a ter fama europea, e que, havendo-se estreado em 1768, no theatro do Bairro Alto, fazendo a *soubrette* do *Tartufo*, tradução do capitão Manuel de Sousa, também representou na Rua dos Condes, segundo a opinião do auctor dos *Musicos Portuguezes*.

É absolutamente impossivel relatar nos apertados limites a que tenho de cingir-me, todas as estranhas aventuras acontecidas com a Zamperini, que soube, com os seus encantos fazer captivos nos Tres Estados do Reino, desde o Conde de Oeiras, filho mais velho do omnipotente ministro de D. José, até o padre Macedo, condemnado pelo patriarcha a ver e ouvir a famosa diva, e a buscar inspirações para os madrigaes que lhe rendia, somente do fundo de algum camarote ou de *frisura* pouco apparente, em sitio aonde não chegasse a luz das velas de cebo, que esclareciam a sala de espectáculo.

Quatro annos esteve a companhia Zamperini no theatro da Rua dos Condes, mantendo-se á custa da *venda de porta*, e com a importancia das cem acções de mil cruzados cada uma, que em 1771 tomaram os negociantes nacionaes e estrangeiros residentes em Lisboa, para agradecerem ao presidente do senado da camara, o mencionado conde de Oeiras.

A companhia compunha-se das seguintes cantoras: Anna, Antonia, e Cecilia Zamperini; Giovanna Sestini, Maria Giovachina, Teresa Turchi e Anna Sestini; e dos cantores: Sebastiano Folicaldi, Giuseppe Trebbi, Antonio Marchesi, Antonio Tedeschi, Nicodemo Calcina, Vincenzo Gorezi, Innocenzo Schattini e Massimo Giuliani.

São estes os nomes que pude apurar nas distribuições das operas, representadas pela companhia Zamperini, e cujos libretos examinei.

Havia também um numeroso corpo de baile. Nas danças que se executavam nos entreactos da opera *La sposa fedele*, cantada na Rua dos Condes no outomno de 1773, entravam os *ballerini seri*: Vincenslao Rossi, auctor de um dos bailados, Teresa Tizzoni Rossi e Anna Zoccoli; cinco *ballerini grotteschi*, tres *ballerini di mezzo carattere*, e mais outros quatro bailarinos: ao todo, seis mulheres e nove homens.

A distribuição d'este drama *giocoso* era a seguinte: *Conde Lelio*, amigo do Marquez, parte seria, Sebastião Folicaldi; *Rosinella*, a decantada Anna Zamperini; *Pasqualino*, José Trebbi; *Marquez de Vento Ponente*, Vicente Gorezi; *Camilla*, sobrinha do Marquez, Antonia Zamperini. Comparas — Pagens, creados e lacaios do Marquez, caçadores, o Mordomo etc.

Os bailados eram completamente desligados da acção da peça. Um dos que se representavam com a *Sposa fedele*, intitulava-se *La vedova scaltra*, e era baseado no enredo de uma comedia de Goldoni, do mesmo nome.

Nos tres actos da peça havia oito mutações de scena, e quatro nos dois bailados.

As scenas e decorações d'esta opera, e de muitas outras representadas pela companhia Zamperini, eram da invenção e direcção de Antonio Stoppani, e do celebre artista portuguez Simão Caetano Nunes.

Os fatos, ideara-os Domingos de Almeida. Na Bibliotheca Nacional de Lisboa existem exemplares de algumas peças representadas por esta companhia.

A impressão é feita em Lisboa, e no frontespicio dos folhetos indica-se que o *dramma per musica* se ha de representar no theatro da Rua dos Condes. A lista d'essas peças é a seguinte: *L'anello incantato*, representado no verão de 1772; *La molinarella*, *la Betulia liberata* (drama sacro) *Antigone*, *La giardiniera brillante*, *La finta semplice*, e *La sposa fedele* em 1773; *L'impresario d'opera* na primavera de 1774 e *Calandrano* no outomno do mesmo anno.

Na primavera de 1774 segundo diz o sr. Theophilo Braga representou também esta companhia *L'isola d'amore* e o *Amore senza malizia*.

Um alvará de 1771, relativo a theatros, determinava que para as representações de opera e comedia italiana os preços fossem os seguintes: camarotes de segundo andar, ou de primeira ordem como hoje diriamos, 3:200 e 2:000 réis; os do primeiro andar das forçuras ou frisuras (frisas) e os de terceiro andar 3:000, 2:400 e 1:600 réis; os de varanda 2:400 e 1:600. Variavam estes preços, segundo os camarotes eram no fundo ou nos lados do theatro, ou junto ao proscenio. Cada logar de platea superior custava 480 réis; de platea inferior 400 réis, e de varanda 240 réis.

Nos fins de 1774 foi a Zamperini mandada sair do reino por uma ordem do marquez de Pombal. Soubera o ministro, se bem que um pouco

tarde, que os accionistas da sociedade theatral, cujos estatutos elle approvava, tinham sido defraudados, pois que o capital subscripto estava completamente exaustido dois annos antes de terminar o prazo da associação.

Maximiliano d'Azevedo.

## VESTIGIOS DE CONSTRUÇÃO ARABE

EM SANTAREM

Dois distinctos amadores de bellas-artes, os srs. visconde de Athougia e tenente de artilheria Antonio Bernardo de Figueiredo, convidaram-nos, ha pouco tempo, a examinar dois capiteis que lhes pareciam arabes, e fazem parte de duas columnas, onde se apoia o forro de uma casa que serve de celleiro, e pertence ao palacio, que foi dos condes de Obidos, em Santarem. Corremos a ver a preciosa raridade que para ali estava esquecida, sem que dessem por ella, a não ser, o olhar educado dos meus illustres companheiros.

Tinhamos já encontrado n'esta muito notavel cidade, vestigios de construção romana. Disse-ram-nos, que em tempos não mui remotos existiam ainda aqui restos de uma fonte arabe, mas que fóra entulhada, não sabemos porque conveniencia do municipio. E nunca mais lográmos saber, que da dominação dos infieis na velha *Chantirayn*, houvesse algum signal. Sentimos pois, verdadeiro prazer, ao convencer-nos de que os dois capiteis, que viamos, eram effectivamente arabes, e tinham escapado da furia vandálica e possessa, com que se atiraram, desde o meião d'este seculo, aos monumentos d'esta terra, para deitar tudo a baixo, e fazer dos seus bellos templos gothicos, e dos magnificos claustros dos seus conventos, cavallariças e praças de touros!

A nossa gravura representa um d'esses capiteis, em tudo igual ao outro, e a ornamentação das quatro faces em letras *kuficas*, isto é: da natureza d'aquellas de que Mahomet usou para escrever o Koran. Deriva aquelle nome de uma cidade da Turquia asiatica, Irak-Arabi, perto da margem direita do Euphrates. São por consequencia dos primeiros seculos, e têm alguma cousa de monumental.

Na architectura, este caracter do estylo arabe, que consiste em substituir na decoração as imagens da vida pela expressão da scriptura do pensamento, é conhecido; nunca apparecia n'es-tylo o mais leve indicio que recordasse a vida animal.<sup>2</sup>

Segundo a tradução de um distincto professor da Universidade de Madrid, e do afamado orientalista hespanhol, o sr. Gayangos, aos quaes o sr. Benigno Joaquim Martinez, illustre escriptor madrilenho muito estimado por grande numero de portuguezes, apresentou o desenho d'aquelles caracteres, querem elles dizer:

1. *En el nombre de Allah el clemente, el misericordioso, bendiga.*
2. *Allah nuestro señor Mahoma.*
3. *Y á su familia y conceda (á ellos) paz perfecta:*
4. *Me acojo á Allah (huyendo) de Satan el apedreado.*

Os capiteis vão ser apeados, e offerecidos ao *Museu Districtal*, estabelecido no celebre edificio do Alporão.

São realmente dignos de guardar-se.

Zeferino Brandão.

<sup>1</sup> Ha muitas opiniões que negam que Mahomet soubesse ler e escrever, fundando-se em algumas passagens do Surat VII do Koran.

<sup>2</sup> Esta opinião que apparece affirmada em todas as historias da arte, está hoje completamente regeltada. Fundava-se n'uma expressão do Surat V do Koran, unica de todo o livro, nas que se refere apenas ás pedras que os orientaes elevam e sobre as quaes derramavam oleo. Hoje é provado que já desde os primeiros tempos do islamismo os tapetes, as pinturas, as decorações architectonicas representavam muitas vezes, não só plantas, aves e outros animaes, mas até figuras humanas. Vêem-se nas medallas de Moavia e Abu-ul-Melle. Esse uso introduziu-se na Hespanha. Em quasi todas as mesquitas desde a de Medina e Cairwan até á de Cordova havia esculturas, sendo notavel n'esta ultima, alem das grandes romas de ouro e prata, duas columnas vermelhas ou roxas onde estavam representados passos da Biblia e das tradições mahometanas, como as sete dormentes, o curvo de Noé etc. Ora esta ultima obra foi começada por Abderhaman-ben-Moavia no anno 170 (786) e terminada por seu filho Ueschem I no anno 180 (796) e as outras são muito anteriores. A opinião porém, assim como outras, é seguida por alguns fanaticos musulmanos.

## EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA DE ARTE ORNAMENTAL EM LISBOA

.XXX

É brilhante e são magnificos todos os objectos expostos na sala F, a unica que os contém exclusivamente pertencentes a uma só casa, a sua magestade el-rei D. Fernando e á senhora condessa d'Edla.

Passemos á sala G.—Contém esta objectos de muitos expositores, dos quaes os mais consideraveis são sua magestade el-rei o senhor D. Luiz, que expõe 66 e a senhora D. Helena de Aragão, que expõe 64.

Apenas se entra dá-se logo na primeira vitrine com a famosa custodia dos Jeronymos, de que tratou o nosso periodico de pag. 134 a 202 do 3.º volume.

Proxima a ella está a Cruz de D. Sancho (n.º 3) de que também se deu noticia e gravura de pag. 43 a 46 do nosso 4.º volume.

Proximo está o calix (n.º 5) e a patena (n.º 27) que também já foram descriptos e representados n'este periodico a pag. 44 do presente volume.

Ao pé d'este calix e com o n.º 6 está uma salva circular de prata dourada que é obra do seculo XVI. Representam-se n'ella em dois circulos algumas palmeiras, elephantes e assumptos de caça que parecem alusivos ao oriente. A volta do pé, assaz curto, ha ornatos semelhantes. No centro veem-se as armas portuguezas com a coroa aberta. Deve ser do tempo de D. Manuel ou de D. João III.

Outra (n.º 9) de prata dourada e levantada, com a borda toda lavrada de fructos, folhagens, e animaes phantasticos, tem o centro levantado com oito medalhões, onde estão representados alguns guerreiros em acção de combater. Infelizmente o escudo está apagado, reconhecendo-se apenas a aguia do timbre. É maior do que a antecedente mas da mesma epoca.

XXXI

São da mesma epoca proximamente a pequena salva de cobre esmaltado de Limoges (n.º 10) outra de prata dourada (n.º 11) a colher de prata com corrediça para dobrar (n.º 14) a cujo cabo ornamentado, serve de remate o busto de um guerreiro, a cruz de ouro esmaltado (n.º 15) com esmeraldas e tres pingentes de perolas e o relicario de ouro esmaltado (n.º 16).

Está ali um pingente (n.º 17) que tem um decimetro de altura: é de ouro esmaltado, figura uma sereia, tem engastada uma agatha, granadas e perolas.

O calix de prata dourada (n.º 16) tem a copa muito ornamentada e na base tem as figuras dos evangelistas, Nossa Senhora e Santo Antonio, é dos fins do seculo XVI, e nós teremos que passar por muitos calices, porque ha uma grande profusão d'elles na exposição, de feição e lavor semelhante.

O gomil de prata (n.º 23) lavrado de arabescos e carrancas tem elegancia e a aza representa uma serpente.

(Continúa).

R.

## O ABANDONO

(Continuado do n.º 130)

Não pararam senão debaixo da grande carvalheira, que estendia largamente as suas vastas ramarias salvadoras á entrada da matta, ironica e profunda; e mesmo se se detiveram ahi, foi porque viram no olival proximo uma junta de bois, soltos, a pastar, e um dos quaes tinha fama antiga de muito bravo. Sentáram-se commodamente nas raizes enormes que se contorciam no chão; e enquanto descanzavam, mergulhando ainda olhares amedrontados na immensidade escura da matta, o da Belizanda, compadecido, pôz-se a matutar inutilmente sobre a razão que teria o Joaquim, para tão obstinadamente querer deixar o pobre petiz sósinho, lá tão longe; e perguntou-lhe, azedamente, que mal lhe tinha feito o rapazinho? O garoto, desesperado, gritou—que o deixasse! —, porque já intimamente e debalde se tinha também feito a mesma pergunta simples e esmagadora, e de novo estava agora entrevedo o Zé escangalhado sob as patas atroces do lobo. Entretanto, para se entreterem enquanto os bois não se fossem embora, um propoz que se jogasse a bilharda, alli mesmo, sem barulho; mas como depois o jogo decorresse tempestuoso de contestações, risadas

e berros, o boi bravo deu pelo bando imprevidente; e como andava a bastante distancia, começou a avançar a passo, manhosamente, de cabeça alta symetrica de cornos aguçados, fitando persistentemente os rapazes. Mas um d'elles avisou-o, e com um grito assustado preveniu os companheiros expansivos; então, deitaram todos a fugir velozmente, para o outro lado do olival extenso; o boi, indifferente e pacifico, deixou-os ir, e parando mansamente ao pé do tronco negro d'uma oliveira, pôz-se a coçar a cachaceira gorda, com movimentos pausados, n'uma delicia muito saboreada que abalava toda a arvore vigorosa. De longe, os garotos seguros desafiaram-n'o, atirando-lhe pedras e nomes affrontosos; depois, satisfeitos, foram atravessando furtivamente uma quinta, e pouco tardou que todos entrassem sosegadamente no logarejo, com as suas bellas pinhas, livres d'encontros e de vistas importunas.

O Zé ia cançando. Achava agora, desconsoladamente, que a matta era interminavel, e admirava-se muito da proximidade inesperada em que, de vez em quando, lhe apparecia a encosta fronteira, por entre o pinhal que cada vez rareava mais. Gradualmente, o solo apresentava inclemencias selvagens, descendo em escadarias extravagantes de grandes penedos bruscos, que se approximavam e uniam sempre mais, deixando apenas logares estreitos para giestas fortes, altos e irregulares, que por alli cresciam á vontade, independentes das fouces destruidoras; o rapazito, caminhando já com custo e receioso, chegou repentinamente, quando saia d'entre um retalho compacto e embaraçado de giestas, ao alto d'um amontoamento colossal de penedos ameaçadores e equilibristas, que desciam em despegnadeiro temivel, d'uma altura estontecedora. Então, o Zé teve um estremecimento instinctivo; e vendo a passagem assim cortada, exaustão, a pobre camisa e o corpo alagados, as pernas moidas e arranhadas, os pés magoados, enristeceu profundamente, desnortado, não sentindo já forças para retroceder. Sentou-se, tomado por uma irresistivel vontade de chorar, queixosamente; mas toda aquella solidão muda e agreste carregava-o imperiosamente d'um respeito medroso, e o pequeno não se atreveu a incommodal-a sequer com um soluço fraco. Interessadamente, pôz-se a examinar tudo em roda, querendo calcular o sitio em que estava; olhou para cima, e a massa negra e cerrada da matta, que subia e se alargava immensamente, silenciosa e quieta, amedrontou-o e encheu-o d'uma vaga afflicção, fazendo-lhe comprehender que tinha descido muito, na sua ignorante peregrinação despreocupada; lembrou-se, desesperadamente, de que havia de estar muito longe da povoação, de casa da mãe; e affastou os olhos humidos da matta, sombria e impiedosa, de novo assaltado por uma tristeza esmagadora, tendo pela primeira vez a idéa perfeita e nitida do seu abandono, completo e perigoso. Depois, olhou para baixo; o matto escuro e bravo descia sempre, apertado entre as penedias soberbas; a espaços, levantavam-se torcidamente os vultos esguios e desolados de sobreiros, de troncos pardos e côr de vinho, descascados; e ao fundo, cortando o declive rapido e abrupto com a sua espessura esverdeada, um pinheiral novo alongava-se modestamente, magro e pobre, escondendo o rio rouquejante de pequenas cachoeiras proximas, e deixando já ver algumas fragas negras e sobrepostas da margem fronteira.

Então, o Zé sentiu como que um prazer orgulhoso de estar assim perto do rio, sonho amorosamente de as enormes fragas torvas, lamentava que elle estivesse occulto sob aquelles franzinos pinheiros torturados, que odiosamente lhe roubavam o entretenimento delicioso e querido de ver passar algum barco «carregadinho», para baixo ou para cima, á tragica mercê da corrente feroz, ou avançando difficilissimamente contra a resistencia das aguas terrentas, encostado ás margens apumadas e desleaes. Havia por toda a parte uma grande serenidade soberana, alastrando-se placidamente, e uma fragancia humida e acre pairando; o Zé ia-se sentindo mal, sósinho no meio d'aquella immobilidade ironica da natureza. Olhava espantadamente para defronte, sitios que nunca tinha visto, uma serra beirã que pesadamente levantava as suas calvicies graniticas até á longa touca espessa das nuvens pardacentas; as encostas bruscas e muito inclinadas eram quasi completamente cobertas de mattas e soutsos interminaveis, por entre os quaes não apparecia, singelamente, a mancha isolada d'uma habitação qualquer; mesmo em frente d'elle, um caminho largo e bem tratado corria longamente, em contornos e curvas regulares, formando uma especie de degrau commodo e solido com o so-

calco que debaixo o supportava; e entre penedias muito juntas, por baixo do caminho, havia umas vinhas pobres e doentes, aproveitando trabalhosamente ingratas negas de terrenos esteireis. Mas em vão o pequeno infeliz procurava por toda a parte a sombra consoladora d'algum vulto humano, distante e indifferente; tudo era deserto, e sob uma fragancia humida a mesma serenidade muda e soberana alastrava-se implacavelmente.

Entretanto, a tarde ia avançada. O sol devia já ir rolando estouvadamente sobre o horizonte, em expansões doidas de luminosas incandescencias, e não punha mais que uma longa faixa amarelada e tenue brincando enfastadamente nas elevações verdeneiras da serra. As nuvens tinham-lhe deixado um grande espaço livre e desafogado, em que o azul não incendiado se conservava d'uma pureza encantadora, alegre e lavado; mas a maior parte do ceu estava ainda coberta d'um amontoamento escurecido e impenetravel, cuja extremidade recortada e vaporosa era toda clara, penetrada de luz. O Zé agora entrelinha-se, no seu interesse ingenuo de creança, a seguir curiosamente a fita magica do sol, que lentamente se ia tornando mais delgada. Já tinha visto ao longe, na abertura apertada d'um pequeno valle, uma ermida solitaria ostentar jubilosamente a sua garridice caiada, como que agualellada de indistinctos e leves tons roseos, enquanto que mais para lá, algumas casas de negridas escondiam rudemente as suas paredes macambuzias, sob a vermelhidão cantante d'um ou outro telhado novo; e em sentido opposto á ermida, tambem muito longe, lá para cima, onde o sol mal chegava, uma povoação rica e vistosa de casarias brancas foi-lhe denunciada por algumas vidraças faiscantes, espelhadas e reluzentes. E como o Zé reconhecesse aquellas casas amontoadas, ao alto das quaes, distanciada e cercada d'oliveiras gordas, se levantava uma igreja velha, de toseco campanario erguendo-se cortado em bico, um indelinido contentamento inuou-o, suavemente, lembrando-se de tantas vezes ter ouvido de sua casa as badaladas roucas e fanhosas do sino unico d'aquella campanario. Admirou-se de não ter dado logo pela povoação amiga, fronteira á sua; e durante muito tempo, pôz-se interessadamente a namoral-a, a contar-lhe as casas apinhoadas, e a fazer intimos cumprimentos festivos a certas paredes conhecidas, uma das quaes até era pintada d'azul, uma côr de bom gosto aldeão. Mas o sol foi-se affastando, deixando indifferentemente as vidraças no socego monotono da sombra; agora, demorava-se sómente sobre alguns cabeços bruscos e elevados, em que punha ironicamente deliciosas carapuças de frouxas côres, ligeiramente entretedidas de vermelho, amarello e violeta; e esta luz vaga e hesitante ia-se gradualmente rarefazendo, apagando-se, evolvendo-se e tornando-se como que uma rede mysteriosa e phantastica, intangivel como uma condensação dourada de sonhos microscopicos e volantes, que o astro arrastava victoriosamente atraz de si, envolvendo n'ella, carinhosamente, os legendarios bandos innumeraveis de pequenas fadas, que a creança campeira vae privando do seu calor puro e perfumante.

(Continua)

Monteiro Ramalho.

## EPHEMERIDES ARTISTICO-LITTERARIAS

(RELATIVAS A PORTUGAL)

1775. Agosto 21. — É creada em Lisboa uma cadeira de *Paleographia*, ou de *Orthographia diplomatica*.

1422. — 22. — El-rei D. João I ordena que os escriptores e tabelliães põnham em todos os contratos e escripturas, que houverem de fazer. «Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo» em vez da *Era de Cesar* como se usava até ali.

1820. — 22. — Nasce Joaquim José Tasso, o primeiro actor portuguez dos tempos modernos.

1781. — 23. — É creada em Lisboa uma *Aula publica de desenho e architectura civil*.

O decreto e regulamento foi feito pelo chanceler-mór do reino Antonio Freire de Andrade Encerrabodes.

1715. — 24. — Tem logar nas salas do paço real a primeira sessão da *Academia de Historia Ecclesiastica*, inaugurada pelo rei D. João V. Foi d'esta instituição, que, em 8 de dezembro de 1720, sahio a *Academia Real de Historia Portuguesa*, fundada pelo mesmo monarcha.

1704. — 24. — O capitão Vicente Lunardi, emprehende uma viagem aerea, subindo aos ares em um grande balão, ante enorme multidão de gente, que embasbacada a este estranho espectáculo, que teve logar no Terreiro do Paço, pelas

4 horas da tarde, tornando-se o assumpto de geraes conversações, e não poucos folhetos impressos contendo satyras, versos, etc.

1582. — 25. — É reedificada sumptuosamente, desde os alicerces, a igreja de S. Vicente de Fóra, pelo rei D. Philippe II, que lhe lança n'este dia a pedra fundamental, tendo logar a abertura do templo em 18 de maio de 1605.

Havia sido edificada fóra dos muros da cidade (e por isso se chamou *S. Vicente de Fóra*) pelo rei D. Affonso Henriques, em 21 de dezembro de 1147.

É em architectura, um dos edificios mais notaveis dos primeiros seculos da monarchia portugueza.

1756. — 26. — Auctorisa-se a admissão, por dez annos, livre de direitos, de toda a letra para impressão, que fosse mandada vir de fóra pelos impressores nacionaes.

1757. — 27. — D. João V manda transferir o cartorio da *Torre do Tombo*, que estava dentro do recinto do castello de S. Jorge, para os aposentos chamados *dos Bispos*, no mosteiro de S. Bento da Saude, na calçada da Estrella.

1801. — 27. — Morre em Lisboa o distincto auctor dramatico Manoel Antonio de Figueiredo, chamado na *Arcadia Lycidas Cynthio*.

Havia nascido em 15 de julho de 1725.

Escreveu, entre originaes e traducções perto de cincoenta peças entre as quaes sobresahe a tragedia *D. Inez de Castro*.

A respeito d'este tragico acontecimento, que enlucta as paginas da historia, escreveram Antonio Ferreira, Antonio da Silva, Antonio de Araujo Azevedo, Calomés, Domingos dos Reis Quita, Frei Jeronymo Bermudes, João Baptista Gomes, Joaquim José Sabino de Rezende Faria e Silva, Manoel José de Paiva, Nicolau Luiz, Lamotte, (que foi traduzido por José Pedro Sousa da Camara) Luiz Antonio Burgain, Quevara, etc. etc.

Sobre este assumpto o auctor d'estas ephemerides tem um trabalho em mãos, que tenciona dar á estampa brevemente.

1772. — 28. — O marquez de Pombal reforma a universidade de Coimbra, confirmando o regulamento d'essa corporação, que em 28 d'agosto de 1771, havia sido apresentado pela commissão nomeada para aquelle fim em 1770.

Em 20 de julho de 1612, já havia sido reformada dando-se-lhe novos estatutos.

Pela reforma pombalina foi decretada a secularisação do ensino que até ali havia sido dirigido pelos jesuitas.

1615. — 29. — Morre o sabio mathematico Pedro Nunes (segundo o auctor do anno historico.)

Veja-se o que a este respeito diz o erudito auctor do dictionario bibliographico tomo vi, pag. 148.

Os biographos do dr. Pedro Nunes dizem que elle foi o maior geometra que as Hespanhas tem produzido, e incontestavelmente um dos maiores que no seculo XVI floresceram na Europa.

Pedro Nunes foi mestre dos infantes D. Luiz e D. Henrique (depois cardeal e rei) e tambem d'elrei D. Sebastião.

A famosa D. Guiomar, (*a da cutilada*) foi, como se sabe, filha do dr. Pedro Nunes.

1861. — 30. — É instituida a sociedade do Palacio de Crystal, com o capital de 160 contos, que depois foi elevado a 250 contos, em 2:500 accções de cem mil réis cada uma.

Esta empresa deve-se aos abastados capitalistas portuenses Antonio Ferreira Braga e Alfredo Allen.

1878. — 30. — O notavel mani-flautista portuguez Antonio Alves da Silva, depois de percorrer a Allemanha, França e Hespanha, sendo applaudido nos principaes theatros europeus, faz a sua primeira apresentação no theatro do Principe Real, em Lisboa, onde causa admiração pelos sons harmoniosos que tira do concavo da mão direita, á imitação de flauta.

1877. — 31. — Estreia da nova sociedade de occarinistas, no theatro dos Recreios.

A *troupe* era dirigida por Antonio Maria dos Reis e compunha-se do referido artista e João dos Santos Fernandes, Antonio Gazul, Manuel Maria da Silva, Manuel Marques da Costa, Julio Schiappa Pietra e Thomaz Jorge Junior.

Esta *troupe* foi entusiasticamente applaudida e julgada não inferior áquella que em 25 de junho do anno antecedente, se havia feito ouvir no theatro da Trindade, e se achava então percorrendo as provincias do Brazil.

## PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

RELATORIO DA DIRECTORIA DA REAL SOCIEDADE CLUB GYMNASICO PORTUGUEZ. *Apresentado em assemblea geral de 4 de dezembro de 1881.* —

Rio de Janeiro. Esta sociedade é uma das muitas fundadas e mantidas por portuguezes no Rio de Janeiro, e da leitura do seu relatório se conhece que, tendo atravessado epochas difíceis se encontra agora em caminho de prosperidade.

**ELOGIO HISTORICO DO EMINENTE ESTADISTA PORTUGUEZ MARQUEZ DE POMBAL, pronunciado pelo commendador Reinaldo Carlos Montoro no Salão Litterario e Artístico da Real Sociedade Club Gymnastico Portuguez em 13 de maio de 1882.** Rio de Janeiro. É um folheto in-4.º grande de 26 pag. em que o seu auctor, consoante o titulo, historia a vida do illustre estadista fazendo justiça aos seus actos.

**ALBUM DAS GLORIAS,** desenhos de R. Bordallo Pinheiro, texto de João Ribaixo e lithographias de Justino Guedes, Lisboa. Está publicado o n.º 29 correspondente a junho e traz um desenho representando Julio Cezar Machado.

**O SUICIDIO,** por Augusto Maria Costa d'Alcantara, Lisboa, 1882. Um folheto de 16 pag. em que o auctor combate a terrivel monomania do suicidio, que n'estes ultimos tempos tanto se tem desenvolvido.

**ARCHIVO DOS AÇORES,** publicação periodica destinada á vulgarisação dos elementos indispensaveis para todos os ramos da historia açoriana. Volume terceiro numero XVIII. — 1882. Ponta Delgada, ilha de S. Miguel, Typ. do Archivo dos Açores. Com este fasciculo termina o 3.º volume d'esta importante publicação, unica no seu genero em Portugal. É inegavel o vigor e imperturbabilidade como ella tem proseguido, regulando a mais de um fasciculo por trimestre. Nenhuma outra tem prestado tantos serviços á historia de uma parte do paiz como esta, e pode ser consultada com proveito por todos os que se occupam não só da historia, mas tambem das tradições, dos usos, costumes e da linguagem portugueza. Tem o 1.º vol. 570, o 2.º 584 e este 3.º 558 paginas e encerram todos algumas centenas de documentos, com pequenas excepções inéditos, e transcrições de obras manuscriptas ou raras. Ainda no nosso n.º 129 noticiando a recepção dos fasciculos XVI e XVII, faziamos a respeito d'esta obra as devidas reflexões para as quaes remettemos os nossos leitores. O que desejamos é a continuação de tão valioso subsidio historico, e que a empresa do benemerito sr. dr. Ernesto do Canto encontre imitadores nas outras terras do paiz.

**RELATORIO E CONTAS DA SOCIEDADE NOVA EUTERPE.** Gerencia de 22 de março a 30 de junho de 1882, Porto. — Enseria documentos muito valiosos da vida d'esta util sociedade, que demonstram o seu progresso.

**LES COLONIES ET L'ARMÉE COLONIALE par un patriote.** Paris, Librairie Paul Housiaux, 15 boulevard Beaumarchais. — 1882. — Folheto de 48 paginas. — Todas as idéas, todas as indicações todas as palavras que o verdadeiro patriotismo inspira são sempre bem recebidas por nós, quando ellas são expressas com a cordura e decencia indispensaveis. Não estamos tão presente na organização das forças francezas, nem nas circunstancias das suas colonias, para podermos avaliar devidamente a importancia do opusculo, comtudo pela sua simples leitura re-

conhecemos que elle encerra em si elementos praticos que andam, em geral muito mal avindos com os individuos que regem os destinos das

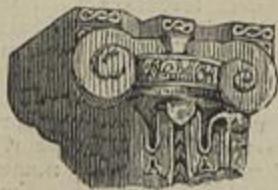
na sua, já celebre carta *As chaves do estreito* que passou desapercibida para Portugal, que mais que nenhuma nação tem largas e grandissimas tradições no imperio marroquino, onde os seus braços, as suas muralhas, as suas cisternas estão lembrando constantemente o seu valor áquelle povo, que guarda uma profunda sympathia e amizade por este povo de cavalleiros.

Com relação ao Egypto, ou canal de Suez, ainda o auctor emite a idea de que devem ser chamadas com voto ao concerto europeu, todas as potencias da Europa, notando que não se acham representadas a Hollanda, Portugal e Hespanha, que tem interesses importantes a proteger nas suas colonias; por nossa parte julgamos que se os nossos diplomatas fossem da tempera dos Sousas Coutinho, D. Luiz da Cunha, duque de Palmella, condes de Porto Santo de Oriolla, etc. não passaria occasião em que Portugal não fosse ouvido; mas...

Passamos muitas outras considerações que mais ou menos nos podem interessar.

Ao fechar o seu opusculo, pequeno em paginas, mas grande no valor intrinseco, diz o auctor as seguintes palavras, que faremos nossas e applicaremos a Portugal: «Collocamos os interesses da defeza nacional e da conservação das colonias acima de todas as outras considerações. Queremos um exercito forte, disciplinado, numeroso, com uma reserva similhantemente solida. Se a camara, em sua cegueira, presta tanta attenção aos interesses francezes, (portuguezes) como a uma folha que cahe, ou a uma flor que murcha, e despreza as medidas que julgamos indispensaveis para a segurança do nosso solo natal, e do nosso imperio trans-europeu, nós teremos ao menos tentado atenuar a responsabilidade enorme contraidá, pelos nossos legisladores, que houberem votado um systema hybridó e desastroso tanto para o nosso futuro nacional, como para a nossa organização militar e imperio colonial, que houberem repellido medidas que são como peças necessarias á solidez de todo o edificio francez (portuguez, dizemos nós), etc.

Como se vê, apesar dos hossanahs da imprensa, por lá não se vê muito mais do que por cá. Consolemos-nos de não sermos unicos. As queixas são iguaes, o tamanho das nações é que é diverso.



VESTIGIOS DE CONSTRUÇÃO ARABE, EM SANTAREM

nações europeas. Nós que temos ouvido, áquelles que nenhum conhecimento tem da materia, fallar contra o regimento do ultramar, que é pouco, mas é um nucleo, e proclamarem a idéa, sobradamente insensata, de que o exercito continental, deve ser empregado nas colonias, estimamos vêr, como o auctor combate similhante ignorancia e imprevidencia, com os factos certos, positivos e lamentaveis succedidos na ultima, e bem pequena campanha, da Tunisia, e outros. O auctor refere como um exemplo digno de imitação, o projecto portuguez da criação das companhias de cipaíos para as colonias civilisadoras d'Africa, á guisa da organização dos colonos militares romanos e dos modernos da Russia. Entre as varias indicações que apresenta, uma é a do governo francez se tornar concessionario do serviço marítimo portuguez nas costas de Moçambique, nós apresentariamos a inversa, se n'este paiz houvesse commercio que soubesse vêr o que verdadeiramente lhe interessa, em presença das grandes aspirações da nação. Indica tambem uma importante acção de accordo com a Hespanha no imperio de Marrocos, attendo-se ás idéas expressas pelo general Lopes Domingues,

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente: Em casa de carrasco não se falla em corda.

1882, LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA 6, Rua do Thesouro Velho, 6

ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE

PARA 1883

PUBLICADO PELA EMPREZA DO OCCIDENTE

Prefusamente illustrado com gravuras portuguezas e uma linda capa em chromo-lythographia

Deve sahir em breves dias este interessante almanach, o mais elegante que se tem publicado em Portugal, e que no primeiro anno da sua publicação teve o successo mais completo.

PREÇO, EM LISBOA, 200 RÉIS

Para as provincias envia-se pelo correio a quem remetter 220 réis em estampilhas á **Empreza do Occidente**, rua do Loreto, entrada pela rua das Chagas, 42 — Lisboa, onde devem ser dirigidas as encommendas.

MUDANÇA

A EMPREZA DO OCCIDENTE mudou os seus escriptorios de Redacção, Administração e Atelier de Gravura, para a RUA DO LORETO entrada pela RUA DAS CHAGAS, 42. Lisboa.